

AS NARRATIVAS ENTRE O FATO E A FICÇÃO NAS FRONTEIRAS DE MATTO GROSSO – TERRA ABANDONADA DE UMBERTO PUIGGARI

THE NARRATIVES BETWEEN FACT AND FICTION IN MATTO GROSSO BORDERS – TERRA ABANDONADA BY UMBERTO PUIGGARI

Bruno Galassi Ferreira¹
Susylene Dias de Araujo²

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura da obra *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada* escrita por Umberto Puiggari e publicada em 1933 pela editora paulista Casa Mayença. O *corpus* é composto pelos textos “A comarca de Ponta Porã”, “O Sismório” e “Petey cuímbaê regolhádo”, escolhidos pela predominância de vozes fronteiriças e oscilantes entre o fato e a ficção. Para isso, trabalharemos questões que envolvem o perfil do narrador, noções acerca de narrativas orais, o contexto sócio-histórico no qual o autor estava inserido e a violência. Tais reflexões possibilitam um melhor entendimento da maneira pela qual o narrador descreve o *modus vivendi* na fronteira entre Brasil e Paraguai.

Palavras-chave: Literatura de Mato Grosso do Sul; Umberto Puiggari; narrativas da fronteira Brasil-Paraguai.

ABSTRACT: This article proposes a reading of the work *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada* written by Umberto Puiggari and published in 1933 by the publishinghouse Casa Mayença. The *corpus* are the texts “A comarca de Ponta Porã”, “O Sismório” and “Petey cuímbaê regolhádo”. They were chosen by the dominance of border voices and oscillating between fact and fiction. As technical support, issues involving the profile of the narrator, oral narrative’s notions, the writer’s historical context and violence. These reflections allow a better understanding of the way that the narrator describes the *modus vivendi* in the boundary between Brazil and Paraguay.

Keywords: Literature from Southernt Mato Grosso; Umberto Puiggari; narratives from the Brazil-Paraguay border.

¹ Estudante do curso de graduação em Letras – Habilitação: Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Jardim e bolsista do programa de iniciação científica PIBIC-UEMS/CNPq. E-mail: brunogalassif@hotmail.com

² Professora do curso de graduação em Letras – Habilitação: Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidade Universitária de Jardim, orientadora do programa de iniciação científica PIBIC-UEMS/CNPq e organizadora do livro *Areôtorare e Sarobá: Obras reunidas de Lobivar Matos* (2009) pela Editora da UFMS. E-mail: susylene@uems.br

INTRODUÇÃO

As relações entre o fato e a ficção sempre foram uma importante e delicada questão para as ciências humanas e da linguagem, principalmente para a crítica literária e para a historiografia. De acordo com Tzvetan Todorov (2003) a estética literária da antiguidade pensava esse tema através da lei da verossimilhança ou da identificação com o real, porém para sustentá-la os estudos dessa época ignoravam obras que não seguissem tal determinação a risca.

Tal ponto de vista é completamente inadequado, pois “o verossímil não era uma relação com o real (como é o verídico), mas com o que a maioria das pessoas acredita ser o real, ou seja, com a opinião pública” (TODOROV, 2003, p. 115-116). A partir disso podemos dizer que há uma grande diferença entre o verídico e o verossímil, pois enquanto este depende exclusivamente da realidade, aquele é dependente do ponto de vista adotado por se tratar de um discurso construído social e historicamente.

Döblin (2006) afirma que para a historiografia essa questão é ainda mais complexa, uma vez que o historiador precisa preencher algumas lacunas de seu material, mas por perseguir um obstinado ideal de verdade e de objetividade acaba com a consciência pesada ao fazê-lo. Assim, há muitos que negam o caráter literário da história com medo de enfraquecê-la, todavia, se esquecem de que a história do historiador é também um romance histórico. Já os prosadores estão completamente livres dessas preocupações, porque a literatura engloba materiais e territórios próprios, que pertencem ao plano da vida pessoal, dialógica e social.

O proceder do historiador é muito semelhante à atitude que Umberto Puiggari tem diante de sua obra *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada*, na qual o aspecto literário e ficcional é rechaçado em nome de uma veracidade, que objetivaria intensificar a denúncia da violência existente no antigo sul de Mato Grosso na década de 1930. Neste artigo buscaremos analisar o *corpus* de forma a compreender as relações entre o fato e a ficção, que fundamentam o texto em questão.

1 HUMBERTO OU UMBERTO? – AS RELAÇÕES ENTRE AUTOR, NARRADOR E CONTEXTO

1.1 O AUTOR E A FRONTEIRA

A obra *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada* foi escrita por Umberto Puiggari, que de acordo com Corrêa (*apud* Centeno, 2007) é o nome simplificado de Humberto Puiggari Coutinho. Corrêa (2008) afirma que Puiggari nasceu em 1878 na cidade de Cirica (SP) e exerceu atividades comerciais em diversas regiões do sul do antigo Mato Grosso, onde anotou as “conversas de balcão” que escutava. Vivenciou fatos históricos como a participação do sul de

Mato Grosso na revolução Constitucionalista e também foi amigo de Vespasiano Barbosa Martins³.

O livro de Umberto Puiggari foi publicado em 1933 como uma edição da Casa Mayença, localizada em São Paulo; e é composto de vinte e três textos que descrevem a fronteira entre o Brasil e o Paraguai a partir de relatos orais recolhidos na região. Centeno (2007) aponta que o ano de publicação do livro coincide com o da mudança do escritor para Londrina (PR)⁴. Isto talvez se deva ao fato do escritor criticar a sociedade mato-grossense, denunciando as injustiças cometidas por muitas pessoas influentes na região.

Em relação à publicação também podemos nos indagar o motivo pelo qual a obra foi editada somente em São Paulo e não no local retratado pelo texto. O próprio autor alega que “[...] como na região em que esses fatos se passaram não existem litteratos e muito menos academicos, o auctor reuniu esses mesmos factos em um livro [...]”⁵ (PUIGGARI, 1933, p. 7), demonstrando que o antigo sul de Mato Grosso não era propício ao surgimento de um sistema literário. Dessa forma, o livro de Puiggari pode ser considerado dentro da literatura produzida em Mato Grosso do Sul como uma manifestação literária, termo utilizado por Antonio Candido (1981) para denominar obras surgidas num meio social desprovido de um conjunto de produtores literários, de um conjunto de receptores e de um estilo, que ligue esses elementos entre si.

Na contracapa observa-se um mapa, que representa os lugares retratados pelo autor/narrador: Bela Vista, Campo Grande, Nioaque e Ponta Porã. Abaixo dessa imagem há outra que representa alguns migrantes de Mato Grosso. A partir dessas informações iniciais, podemos perceber que a intenção principal da obra é descrever a difícil vida na fronteira Brasil-Paraguai através de narrativas conhecidas e contadas pelas pessoas simples que viveram e trabalharam na região, porém,

[...] o escritor [brasileiro] se habitou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhes permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficiente

³ Vespasiano Barbosa Martins (1889-1965). Médico e político; foi prefeito de Campo Grande por três vezes; senador da República por dois mandatos e governador do Estado de Maracaju, unidade federativa com sede em Campo Grande instituída durante a revolução de 1932, quando o sul de Mato Grosso aderiu aos Constitucionalistas. O novo Estado existiu por cerca de três meses e desapareceu com o movimento que o originou. Vespasiano sempre defendeu a divisão de Mato Grosso, porém não viveu o suficiente para ver sua aspiração se concretizar, o que só aconteceu efetivamente em 1977 (MARTINS, 2011).

⁴ Humberto Puiggari Coutinho fundou em 1934 o primeiro jornal de Londrina, denominado de Paraná Norte e que circulou até 1953. Em Gonçalves (2008) é possível encontrar mais informações referentes ao início da imprensa em Londrina.

⁵ Em todas as citações de *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada* a ortografia da edição publicada em 1933 foi conservada.

vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas *élites*. (CANDIDO, 2006, p. 94-95; grifo do autor).

É o que ocorreu com a obra de Umberto Puiggari, pois conforme Corrêa (2008), apesar da pequena tiragem, os originais do livro foram guardados por Vespasiano Barbosa e anos depois doados por seu genro Wilson Barbosa Martins, primeiro governador eleito de Mato Grosso do Sul, para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Portanto, a compreensão dessa obra revelará muitos aspectos interessantes, que se referem à história e ao surgimento de uma manifestação literária relacionada ao sul do antigo Mato Grosso.

1.2 O CONTRATO NARRATIVO

O primeiro texto de *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada* intitula-se “A comarca de Ponta Porã” e serve como um prefácio, no qual o autor/narrador marca o espaço das narrativas que se dispõe a escrever a partir da fronteira Brasil-Paraguai e observa que a gênese dos textos se deu em função de histórias populares de crimes que marcaram a região, confirmando que “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo [...]” (BENJAMIM, 1994, p. 214).

O autor/narrador também afirma que a veracidade das narrativas foi confirmada por habitantes do local e que os nomes dos envolvidos nos casos mais antigos foram mudados. Tal informação é fundamental, considerando-se que, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1944, p. 197). Apesar disso, o autor/narrador insiste em asseverar que a obra é mal escrita e que seu único objetivo é “[...] desvendar aos olhos do governo e do Brasil, esse mundo desconhecido que é a fronteira com o Paraguay, dizendo as cousas como ellas são e unicamente dentro dos limites da verdade” (PUIGGARI, 1933, p. 7).

Dessa forma, as primeiras palavras do livro se configuram como um “[...] contrato narrativo entre leitores e escritores que os guia através dos textos” (FOLEY *apud* Cosson, 2001, p. 26), no qual o autor tenta nos convencer de que o objetivo da obra é apenas o de desmascarar a realidade e não utilizá-la com propósitos ficcionais. Apesar disso, não devemos nos esquecer que

Estudar o verossímil equivale a mostrar que os discursos não são regidos por uma correspondência com seu *referente*, mas por suas próprias leis, e a denunciar a fraseologia que, nesses discursos, quer nos *convencer* do contrário. Trata-se de retirar a linguagem de sua *transparência ilusória*, de aprender a percebê-la e de estudar ao mesmo tempo as *técnicas* de que ela faz uso para, como o invisível de Wells engolindo sua poção química, deixar de existir a nossos olhos. (TODOROV, 2003, p. 114-115; grifos nossos).

Também Candido *et al.* (1968) afirmam que a intensa aparência de realidade de uma obra paradoxalmente revela a sua intenção ficcional. Assim, trata-se de um verdadeiro ser aparência, baseado na convivência entre autor e leitor.

É igualmente importante anotarmos que a voz do contador, seja oral ou escrita, sempre interfere nos discursos recolhidos, porque “nenhuma narrativa é natural, uma escolha e uma construção sempre presidirão seu aparecimento; é um discurso, e não uma série de acontecimentos” (TODOROV, 2003, p. 82). Com isto posto, podemos proceder à análise das narrativas que compõem o *corpus*.

2 NA FRONTEIRA ENTRE O FATO E A FICÇÃO

2.1 O SANGRENTO HERÓI DA FRONTEIRA

A primeira narrativa do livro de Umberto Puiggari intitula-se “O Sismório” e expõe os crimes cometidos pela personagem Franck Six Moritz na fronteira entre Brasil e Paraguai. O protagonista é um tenente de polícia filho de um inglês e de uma paraguaia nascido em Corrientes (cidade argentina próxima à fronteira com o Paraguai), que abandona o cargo para tentar enriquecer em Mato Grosso. É curioso o fato do narrador não nos explicar qual é o motivo que leva Franck a se mudar para o Brasil, mas provavelmente isso se deve ao fato de que “metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1994, p. 203), pois assim o leitor deve se indagar sobre tais lacunas e tentar completá-las durante a leitura. A personagem é descrita da seguinte maneira:

Impunha-se pela sua bela aparência de gaúcho de fino trato e maneiras gentis. Estatura elevada, *corpulento sem ser obeso*, pelle muito clara e rosada, cabellos louros, olhos azues, sombrancelhas arqueadas e ligeiramente crespas, bigodes *atrevidos e bem cuidados*, nariz *regular e um tanto grosso*, labios finos, desenhando uma boca pequena, com dentes iguaes e alvissimos, tendo os *caninos ligeiramente salientes*. Impressionava as mulheres com o seu *pitoresco* trajar de uma *elegancia* gauchesca, pouco commum; riquissimo pala de vicuña, *bem dobrado e negligentemente atirado* ao hombro esquerdo, deixando ver acima do franjado um S entrelaçado num M, em relevo, bordado à *seda escarlata*. Chapeo de feltro, com *abas muito largas, botas altas e rebrilhantes, chilenas de prata lavrada, tilintantes*, completavam o todo de Franck Six Moritz que nunca se mostrava, sem o *grande lenço* colorado, preso ao pescoço por um *argolão de ouro em complicados arabescos*. (PUIGGARI, 1933, p. 9-10; grifos nossos).

Algumas características físicas de Sismório são contraditórias, mas se equilibram de forma que sua aparência consiga causar uma boa impressão. Essa imagem é construída através da mobilização que o autor faz daquilo que Candido *et al.* (1968) denominam de “aspectos esquemáticos”, que são especialmente preparados para que o leitor possa concretizá-los e ter uma percepção do que é descrito.

Candido *et al.* (1968) também afirmam que tais aspectos relacionam-se à escolha das palavras para se referir à aparência física ou aos processos psíquicos de uma personagem. Dessa forma, destaca-se o fato de a personagem Sismório ser descrita com os “caninos ligeiramente salientes” como os de um animal, uma vez que comparações desse tipo são repetidas várias vezes no decorrer do texto e utilizadas para justificar certos atos da personagem.

As vestimentas da personagem Sismório expressam principalmente sua vaidade, pois o narrador as descreve através de adjetivos que demonstram uma presença marcante, como grande, altas, largas, rebrilhantes e tilintantes. Corroborar para isso o fato de algumas peças serem feitas de materiais caros e luxuosos, como seda, ouro e prata.

O narrador, então nos explica que o nome “Sismório” surgiu através de uma transformação realizada pelo povo da fronteira, que não conseguia pronunciar corretamente o nome do protagonista. Nesse trecho também nos é dada a localização de uma pequena necrópole, cuja denominação é “Cemitério do Sismório”. Através disso, o narrador tenta aumentar a veracidade de sua narrativa e preparar o leitor para aquilo que está por vir como ocorre no contrato narrativo.

São relatados sucintamente os três primeiros assassinatos de Sismório em terras fronteiriças; todos por motivos banais e perpetrados de maneira cruel. O quarto assassinio ocorre quando Carola, a pupila de Sismório, “[...] teve a infelicidade de despertar a *bestialidade* do truculento tutor e acabou sendo por elle estrupada e convertida em amante, dentro do próprio lar” (PUIGGARI, 1933, p. 13; grifo nosso). Novamente, o narrador limita as informações, não explicando exatamente como a moça irritou Sismório, dizendo apenas que ela despertou o lado animal de seu tutor.

A esposa de Sismório, cujo nome não é citado talvez pela preocupação demonstrada pelo autor com os envolvidos nos relatos, mas que o narrador afirma ser uma mulher de grandes virtudes e temerosa do marido, prepara secretamente a fuga da pupila com Roberto, um dos empregados da fazenda. Sismório procura os dois jovens e mata-os em seguida. A cena é descrita em poucas palavras: “Quatro tiros soaram. Dois em cada cabeça, e o triste casal, abatido como um par de *cordeiros mansos*, rolou na areia humida, fecundando o solo da fronteira ingrata e traiçoeira com um sangue rubro, generoso e moço” (PUIGGARI, 1933, p. 14; grifo nosso). Apesar de o narrador afirmar que seus relatos se preocupariam apenas com os fatos, ele utiliza-se de um eufemismo para amenizar a descrição dessa morte e ainda lamentar o ocorrido. Percebe-se que o narrador descreve Carola e Roberto como um par de cordeiros mansos, que foram abatidos pelo “monstro” Sismório.

O criminoso, então, foge para o Paraguai e as autoridades mandam prendê-lo, mas “o encarregado da diligência, foi um sargento, que sempre manteve com Sismório, a mais íntima camaradagem” (PUIGGARI, 1933, p. 15). Portanto, ele avisa o bandido para fugir, o que demonstra o fato confirmado por Córrea (2006) de que a violência na fronteira entre Brasil e Paraguai era favorecida pela falta de controle do poder estatal, o que facilitava a mobilização de bandidos nos dois lados da fronteira, fazendo a região se tornar uma verdadeira “terra-de-ninguém”.

Então, Silvério Ferreira Dias se une a Felisberto Loureiro para vingar a morte de seu pai, morto por ordem de Sismório, porém os jovens se intimidam ao verem o grupo do bandido. Ele diz para se aproximarem que nada lhes aconteceria, porém quebra a promessa e os assassina covardemente. Assim, o poder de Sismório não provém tão somente de seu vigor físico e psicológico, uma vez que “homens isolados sem outros que os apoiem nunca têm poder suficiente para fazer uso da violência de maneira bem-sucedida” (ARENDETT, 1985, p. 27).

Tempos depois, Sismório é avisado por seus amigos na polícia de Ponta Porã de que o tenente Lídio Nunes vinha de Bela Vista com uma escolta para prendê-lo. Nesse momento o bandido recebe do narrador o título de “[...] o nosso sangrento herói [...]” (PUIGGARI, 1933, p. 19; grifo nosso), palavra utilizada para denominar o protagonista de uma obra literária, apesar do autor/narrador afirmar que seu livro não é literário como já foi demonstrado. O narrador, então, faz outra digressão que demonstra a complicada situação da fronteira na época:

Sabia o fugitivo que o tenente Lydio não era homem de respeitar fronteiras naquelles desertos, onde a soberania de cada uma das nações [Brasil e Paraguai], que alli se defrontam, é muito hypothetica, para não dizer mera expressão diplomática, guardada por um traço azul na carta geographica da América do Sul... unicamente. (PUIGGARI, 1933, p. 19).

Sismório desta vez foge para a Argentina e abre uma pequena pensão, que prospera, pois “[...] sympathico e de boas maneiras como elle o sabia ser, quando queria, attraiu fregueses e a preferencia dos viandantes. Uns trez meses durou a pacatez de Sismório. O *instincto de besta fêra*, que o dominava, estorvou-lhe os bons propositos” (PUIGGARI, 1933, p. 20; grifo nosso). Como afirma Candido *et al.* (1968), mesmo que uma personagem se baseie numa pessoa real, o escritor estabelece algo mais coeso e menos variável, que é a lógica da personagem, pois a nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. E é exatamente essa lógica que Umberto Puiggari explicitamente explica no trecho citado anteriormente.

Sismório desentende-se com um comissário de polícia por um motivo não expresso pelo narrador. O comissário é convidado para uma ceia e sangrado no pescoço por Sismório, enquanto outro capanga apara o sangue da vítima, cujo corpo é colocado num saco e jogado no terreno de um desafeto de Sismório. Importante anotar que o crime é perpetrado através de uma traição com o cuidado de não deixar provas e ainda com o requinte de perversidade em relação ao destino do cadáver.

Depois disso, Sismório foge para o Rio Grande do Sul e começa a trabalhar na casa de um homem chamado Godoy até que Reginaldo Loureiro, prefeito de São Borja (cidade gaúcha próxima à fronteira com a Argentina) e irmão de Felisberto Loureiro, o captura. O protagonista admite seus crimes sem se comover: “– Trinta não. Vinte e cinco. Sendo quatorze em Matto Grosso e onze na Argentina, retrucou, friamente, Sismório...” (PUIGGARI, 1933, p. 23). Reginaldo, então convence seus companheiros de que é melhor matar Sismório do que entregá-lo à justiça:

Antes, porém, de se conseguir do governo com tanto papelório, requerimentos e mais requerimentos, as passagens para esse miserável e a escolta, leva um tempão. Nesse tempão, surge um pedido de habeas corpus e o homem vai para a rua e ainda é capaz de nos dar muito trabalho. Isso não está bem. Porisso pergunto a vocês: Não é bom tirar logo o *couro da fêra*, antes que ella se escape. (PUIGGARI, 1933, p. 24; grifo nosso).

Nesse trecho Reginaldo compara Sismório a um animal selvagem que deve ser abatido para segurança das pessoas. O argumento do prefeito representa o fato destacado por Arendt (1985) de que a burocracia é a forma de poder onde todos são privados de liberdade política e do poder de agir. Por unanimidade do grupo, Sismório é fuzilado. Esta constante falta de explicações do narrador é totalmente justificável, pois conforme Benjamim (1994) a narrativa ao contrário da informação não se entrega totalmente, conservando assim suas forças e se desenvolvendo depois de muito tempo.

2.2 FAZENDO OS MORTOS FALAREM

“*Petey cuimbaê regolhádó*” é traduzido do guarani como “um homem degolado” (PUIGGARI, 1933, p. 41) e é o título de um dos textos de Umberto Puiggari. A narrativa inicia-se com a descrição da estância *Embossada* e de seu proprietário, o Sr. Francisco Rodríguez, que possuía uma fé “[...] pelo futuro do Brasil, digna de ser imitada por muitos brasileiros, que andam arrotando um patriotismo azedo, ajacobinado e estéril” (PUIGGARI, 1933, p. 42). Note-se o tom de crítica com que o narrador descreve a ideologia nacional de parte da população da época. Em novembro de 1932, o capataz da instância descobre algo surpreendente:

Solidamente amarrado a uma arvore, achava-se um cadaver, sem cabeça. Aos pés, uma pôça de sangue coagulado, fervilhante de larvas de varejeira. Sobre os hombros da victima, como a procurar-lhe a cabeça, um enxame de moscardos verde-azul-dourados, voejava, em círculos concentricos, reflectindo o brilho vivo das asas, em movimento, as côres, do arco-iris, vindas por um raio de sol, coado através a [sic] folhagem da matta. Parecia que a cabeça, ausente daquelle corpo humano, estava substituida por uma auréola viva, movimentada e linda. Aquelles insetos multicôres e brilhantes, caprichosamente se haviam constituido na corôa de martyrio do degolado... (PUIGGARI, 1933, p. 43).

Apesar do autor/narrador afirmar veementemente a objetividade de suas narrativas, nessa descrição ele utiliza-se da percepção das personagens que observaram esse fato para chocar o leitor, principalmente nos contrastes entre a morte e a vida, representadas pelas moscas e pela luz irradiada.

Em seguida, Francisco manda um mensageiro avisar as autoridades de Ponta Porã, que já sabendo do ocorrido apenas lhes pedem para enterrar o corpo. Essa

parte da narrativa demonstra que a polícia da época não cumpria corretamente sua função, negando-se a ir até o local de um assassinato. Assim, o narrador introduz a narrativa que deveria explicar essa morte:

No caso presente nada fantasiamos. Os responsáveis directos do barbaro assassinio, passeiam tranquillamente pela cidade de Ponta Porã, gosam da confiança do governo, que habilmente illudiram, occupam posição de destaque na politica local ou são funcçionarios públicos. (PUIGGARI, 1933, p. 45).

Nesse trecho as relações entre fato e ficção são novamente invocadas pelo autor/narrador, que inclusive denuncia os assassinos, destacando sua posição privilegiada na fronteira Brasil-Paraguai.

O narrador afirma que o homem degolado encontrado na estância Emboscada chamava-se Demétrio Parra e era um paraguaio que possuía “estatura um pouco acima da mediana, porte elegante, esbelto, claro, quasi louro, cabellos anelados, nariz grego, olhos castanhos muito meigos e suaves. Seu trato era ameno e affavel” (PUIGGARI, 1933, p. 45). Essa personagem trabalhava nos ervais mato-grossenses até ser acusado de falsificar uma ordem de pagamento de um magnata da Empresa Mate Laranjeira⁶, porém foi absolvido pelo Tribunal do Júri. Alguns homens “adadores de tudo quanto vem da Empresa Matte” (PUIGGARI, 1933, p. 46) resolvem vingar-se do paraguaio em virtude de sua absolvição.

Durante a revolução de 1932, Demétrio se alista no exército Constitucionalista, que lhe concede o posto de primeiro-tenente. Com o fim do conflito, a tropa de Demétrio depõe armas em Bela Vista e empreende uma viagem até Ponta Porã nas garantias do chefe militar de Bela Vista. Porém Demétrio e seus homens são declarados prisioneiros de guerra por uma tropa governamental irregular, que era comandada por um coronel fronteiriço, cujo nome não é citado. Nesse grupo se encontram os homens que querem vingança de Parra.

Para encerrar o texto, o narrador simplesmente afirma que o tenente Parra foi encontrado morto da maneira como é relatada no início e que essa morte é um dos “Mistérios da fronteira...”, apesar dos leitores terem uma ideia bastante aproximada de como isso ocorreu. Umberto Puiggari consegue através dessa narrativa literalmente “[...] fazer os mortos falarem, torná-los mais vivos, movimentar suas pernas paralisadas” (DÖBLIN, 2006, p. 31) com o intuito de denunciar as injustiças ocorridas entre os vivos.

⁶ A Companhia Mate Laranjeira era uma sociedade anônima que em 1890 obteve direitos exclusivos da exploração e da extração da erva-mate em grande parte da região compreendida pelo atual Estado de Mato Grosso do Sul. A empresa se manteve nessa atividade até 1949, quando o governo de Mato Grosso rescindiu o contrato, levando ao fim de seu domínio sobre os ervais mato-grossenses (QUEIROZ, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da noção de que os limites entre o fato e a ficção dentro de um texto são incertos, por dependerem apenas de um contrato narrativo entre escritores e leitores analisamos alguns textos da obra *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada* com o intuito de descobrir a maneira pela qual realidade e ficção convivem dentro do livro de Umberto Puiggari.

Nesse artigo, também demonstramos que os textos de Umberto Puiggari utilizam-se de alguns recursos literários para melhorar seu aspecto representativo. Além disso, o fato de grande parte dos textos da obra resultarem de um trabalho de compilação de narrativas orais, afirmam o caráter popular e a importância cultural da obra, que codifica as ansiedades do povo do sul de Mato Grosso na década de 1930.

Portanto, o estudo dessas narrativas pode levar a uma maior compreensão de alguns momentos históricos que influenciaram a região e também da dura realidade dessa região na época, quando o povo estava abandonado pelo governo, sofrendo todo o tipo de violência sem qualquer amparo legal.

Dessa forma, os textos de Puiggari são muito importantes na busca da identidade de Mato Grosso do Sul, em especial na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, uma vez que a obra também se encontra no limite entre o fato e a ficção.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Da violência*. Tradução de Maria Claudia Drummond Trindade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANDIDO, Antonio *et al.* (Org.). *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- _____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CENTENO, Carla Villamaina. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia matogrossense (1870-1950)*. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP/SP, Campinas, 2007.
- CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1889-1943)*. 2. ed. rev. e atual. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2006.
- _____. *Terra do barão e cutelo*. 2008. Disponível em: <<http://valmirbatistacorrea.blogspot.com/2008/02/terra-do-barao-e-cutelo.html>>. Acesso em: 26 mar. 2011.
- COSSON, Rildo. Narrativa ficcional/Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura comparada: interfaces e transições*. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.
- DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. Tradução de Marion Brepohl de Magalhães. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 13-36, 2006.

GONÇALVES, Paulo de Tarso. *Crônica como história: a imprensa em Londrina*. 2008. Disponível em: <<http://detarsohistoria.blogspot.com/2008/10/crnica-como-histria-cont.html>>. Acesso em: 3 set. 2011.

MARTINS, Thaís. *Vespasiano Barbosa Martins*. 2011. Disponível em: <http://www.ihgms.com.br/enciclopedia/enciclopedia_ver_verbete.asp?ID=4398> Acesso em: 30 mar. 2011.

PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada*. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *A grande empresa conhecida como Mate Laranjeira e a economia ervateira na bacia platina (1882-1949): notas preliminares*. 2009. Disponível em: <www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/2009-12_queiroz.pdf> Acesso em: 8 set. 2011.

TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.